

SER PROFESSORA EM AMARANTE DO MARANHÃO

João Cândido Carvalho Marinho¹

Resumo: O presente artigo discute algumas questões referentes à educação no município de Amarante do Maranhão entre as décadas de 60 e 90, a partir das narrativas de Isete Ribeiro de Carvalho Marinho: mulher negra, vinda de uma família que vivia no interior do município e que, vencendo diversas dificuldades, se tornou professora. A partir da entrevista foi possível montar um vídeo documentário e agora, elaborar este artigo. Na narrativa, ela trata de aspectos da infância no sertão, no que tange às dificuldades de escolarização e a utilização dos recursos disponíveis no próprio espaço para o processo de aprendizagem. Trata também da necessidade dos jovens de sair em busca de formação escolar, longe da sua cidade natal. As questões de gênero, raça e classe norteiam sua narrativa que também é marcada pela crença no poder de mudanças a partir da educação.

122

Palavras-chave: Ensino; Vídeo Documentário; Identidade; Amarante do Maranhão, Educação.

Abstract: The present article aims to discuss some issues related to education in the city of Amarante do Maranhão between the 1960s and 1990s, based on Isete Ribeiro de Carvalho Marinho's narratives: a black woman from a country family who lived in this city and, after overcoming many difficulties, became a teacher. From the interview it was possible to make a documentary video and now, elaborate this article. In the narrative, she speaks about childhood aspects in sertão, about the schooling difficulties and the usage of resources available in the space itself for the learning process. It also addresses the need for young people to go in search of a school education away from their hometown. The issues of gender, race and class guide their narratives. This is also marked by their belief in the power of change from access to education.

Keywords: Teaching. Video Documentary. Identity. Amarante do Maranhão. Education.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA na Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus Araguaína. Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e em Direito pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Professor na rede estadual de ensino em Imperatriz - Maranhão. E-mail: candidomarinho1@hotmail.com

Recebido em 12/06/2019

Aprovado em 15/07/2019

Em meados das décadas de 60 e 70 do século XX, o acesso à educação no interior do Maranhão não era para todos. Do mesmo modo, em um contexto geral, na sociedade brasileira, as relações desiguais de poder no que se refere às questões de gênero e a discriminação racial eram ainda mais evidentes que no tempo presente. Esse contexto exigia muita determinação e dedicação de mulheres negras do interior do estado do Maranhão para conquistar a sua formação e se estabelecer profissionalmente.

O presente artigo foi escrito com intuito de discutir essas e outras questões, a partir de entrevistas realizadas com uma professora, hoje aposentada, do município de Amarante do Maranhão. A partir das suas narrativas foi possível montar o vídeo documentário “Isete Ribeiro: mulher, mãe, professora” (2019). Agora, foi possível refletir mais especificamente sobre a formação de uma identidade feminina relacionada a ser professora, mãe e mulher. No geral, o trabalho busca refletir a partir da biografia de uma mulher da região amazônica brasileira, suas rotas de formação e sua relação com o seu território. A abordagem que utiliza biografias, especialmente no caso de mulheres, é importante pois é uma

forma de reunir experiências individuais de mulheres num cenário conjunto, tirando-as da esfera doméstica para posições de destaque na sociedade. Sob esse prisma da inserção no espaço público, a abordagem bibliográfica é mais um recurso utilizado pelos pesquisadores. (SAMARA, 1993, p. 31)

No caso específico, a biografia da professora Isete Ribeiro foi apresentada em um vídeo documentário. No filme, a narrativa é em primeira pessoa, a própria personagem fala das suas vivências. De caráter experimental, o registro áudio visual, apresenta os lugares em que viveu na sua infância, o Povoado Santa Fé, localizado dentro dos limites do município de Amarante do Maranhão e na sua juventude, a cidade de Grajaú – MA, onde foi concluir os estudos. Trata ainda do espaço em que passou a residir a partir da década de 70, a sede do município em que nasceu e viveu os primeiros anos de sua vida.

Pertencente a Amazônia brasileira, Amarante do Maranhão fica localizado a 600 km da capital do estado, São Luís. Permaneceu como distrito de Grajaú - MA até o ano de 1953, quando foi emancipado e elevado à categoria de município. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (censo de 2010), tem um território de 7.438,217 km², uma população estimada em 41.136 pessoas e uma densidade demográfica de 5,10 hab/km², que pode ser considerada baixa, se comparada à capital que é de 1.215,69 hab/km².

Nas décadas de 60 e 70, por ser afastada das grandes cidades e não dispor de acessos terrestres em boas condições, o que dificultava os deslocamentos e a chegada de informações, a sede dessa unidade territorial permaneceu quase que isolada. Desde essa época até a atualidade, as pequenas propriedades rurais ocupam grande parte do vasto território do município que está entre os seis maiores do estado. Essa região chamada de “sertão” pelas pessoas do lugar possui características e modos próprios de sobrevivência. Além desses espaços, no município há ainda diversos povos indígenas, distribuídos em três áreas.

Esses dados se relacionam no vídeo documentário e neste artigo. A partir da análise das narrativas, foi estabelecido um paralelo com a educação do município. Foram discutidos os aspectos da infância e a utilização, como materiais didáticos, dos recursos disponíveis no próprio espaço de vivência, uma alternativa para a dificuldade de acesso a cadernos e livros, acessíveis apenas nas cidades maiores.

Outro aspecto que pode ser até considerado como tradição na região e que é discutido no trabalho é a saída dos jovens para outras regiões em função da necessidade de uma melhor formação acadêmica. Fica evidente esse processo quando se discute, através dos relatos da entrevistada, a sua mudança para cidade de Grajaú – MA, em busca da formação necessária para se tornar professora, devido à ausência de escolas no seu lugar de origem.

De modo simples e sensível, o documentário amador aborda os desafios da educação no sertão de Amarante do Maranhão entre os anos 60 e 90. Já o artigo dialoga com teóricos e faz uma discussão sobre identidades, o fazer educativo e os saberes produzidos nas regiões mais longínquas do país. Possibilita ainda realizar, em suas conexões, uma análise das questões raciais e de gênero envolvidas na trajetória das professoras da região e a percepção de que ali surgiram modelos de educação com características próprias, a partir da experiência dos educadores.

A afirmação das identidades e a relação com o território de Amarante do Maranhão

A identidade é elaborada através do processo de socialização que começa nos primeiros anos de vida dos indivíduos e vai se configurando ao longo do tempo. De difícil conceituação, pois passa por diferentes perspectivas, pode ser entendida, em linhas gerais, como a reunião de elementos pelos quais as pessoas se reconhecem em uma relação consigo e com os outros.

Tendo em vista as transformações por que passa ao longo do tempo, a identidade tende a se transfigurar. Nesse sentido, fala-se em um processo de construção e constante reconstrução. Para Dubar (1997, p. 135) “a identidade nunca é dada, ela sempre é construída”, ela vai se moldando de acordo com as necessidades, os interesses e os territórios em que as pessoas vão se estabelecendo.

Dubar (1997, p.133), que vincula a identidade social a coletiva, discute sobre uma espécie de “transação ‘interna’ ao indivíduo e uma ‘externa’ entre o indivíduo e as instituições com as quais ele interage”, tal observação fica evidente em alguns momentos nos relatos de Isete Ribeiro. Ao ser perguntada como se define, aparecem na fala aspectos pessoais e sociais como mulher e mãe. Essas dimensões representam o modo como ela se percebe e como os outros a veem.

No tempo presente, na sociedade brasileira, se impor como mulher pressupõe a afirmação do ser, de estar e de ter direitos. Hall (2005, p. 9) discute que quando as identidades estão em vias de apagamento, necessitam ser afirmadas, logo colocar-se como mulher se torna um ato político. De um modo mais acentuado, para ser mulher, especificamente no interior do Maranhão, região tradicionalmente patriarcal, nas décadas de 60, 70 e 80, quando muito pouco se discutia essas questões, presume-se a existência de desafios ainda maiores.

Com um rápido olhar sobre alguns indicadores no Brasil, é possível perceber que a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser atingida. Apenas a título de exemplo, “as mulheres têm mais anos de estudo em média, do que os homens [...], mas o maior número de anos de estudo das mulheres não reflete a igualdade salarial. (PISCITELLI, 2009, p. 120). Conforme assinalado, esse foi apenas um dos olhares para a questão: eram muitos outros os desafios enfrentados pelas mulheres na região, alguns desses persistentes até a atualidade.

Nesse cenário de desigualdades, Isete Ribeiro assume posições de vanguarda. Ela foi a primeira secretária de educação em seu município e esse foi um desafio muito grande, pois não tinha orientação, mesmo assim utilizou os seus dons e seus conhecimentos e, juntamente com uma equipe de profissionais, organizou a pasta da educação. Sua posição de dianteira fica evidente, no fato de ter feito um trabalho em que foi utilizando as experiências que iam se acumulando com o tempo, o que evidentemente foi sendo replicado pelos seus sucessores.

Em seus relatos fica claro ainda, o enfrentamento das questões raciais. Segundo ela foram vários os desafios enfrentados em decorrência da sua condição de mulher negra, seja na época de sua formação em Grajaú, seja na sua prática como professora em Amarante. Nesse

sentido, ela percebe a importância do reconhecimento da identidade. Para Marcer *apud* Hall (2005, p. 9) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável e deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Perceber-se enquanto negra e reafirmar constantemente essa condição é um exercício para construção das identidades e imposição da presença no meio.

Em sua trajetória alguns elementos limitavam a plenitude de sua existência. Isete Ribeiro veio de uma família humilde, do interior de Amarante e por essa condição teve que romper limites para estudar. É mulher em uma sociedade machista e opressora e viveu sua juventude em uma época e local onde pouco se discutia sobre direitos. É negra, em uma sociedade em que o racismo estrutural é persistente. Nesse sentido, é importante

reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ambas as categorias precisam ser ampliadas para que possamos abordar as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam. (CRENSHAW, 2012, p.8)

Outro aspecto importante na percepção da sua identidade apareceu no momento em que se afirmou como “*professora*”, inclusive com uma entonação mais forte, perceptível no registro áudio visual. Inserida em uma categoria socialmente disponível, o ofício de professora/professor tem seu reconhecimento e importância social confirmada no trecho que diz “*nos meus muitos anos de trabalho, ajudei a construir e a organizar a educação aqui no município de Amarante do Maranhão*” (MARINHO, 2019), o que ratifica a afirmação de que a profissão também dialoga com a construção das identidades em determinada comunidade.

Nesse sentido, convém ressaltar a importância dada pelas sociedades modernas ao trabalho e o fato de que este é um aspecto definidor dos indivíduos. Do mesmo modo, resguardada a problemática da desvalorização do professor e da professora na sociedade brasileira, essa profissão ainda tem certo reconhecimento, o que é possível de ser observado nos relatos de indivíduos da comunidade sobre a professora entrevistada.

Em outro momento ela afirma que “*como professora aqui na minha cidade, Amarante do Maranhão, eu me sinto lisonjeada pelo trabalho que fiz, contribui muito para o desenvolvimento da educação, trabalhei com pontualidade, responsabilidade, exemplo*” (MARINHO, 2019). Se proclamar professora, ressaltar sua importância é, sem dúvida, um momento de afirmação e de valorização do próprio trabalho e da posição na sociedade.

Desse modo, é possível afirmar que as identidades são construídas a partir de uma relação com o outro e se realiza através da fala. Sendo assim, “identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas [...]. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro (DUBAR, 1997, p.135). Tal observação pode ser verificada no trecho que diz

É uma honra para mim, hoje, saber que contribui muito com a cultura e com a formação de muitas pessoas. Hoje vejo a minha frente, meus ex-alunos que são hoje meus colegas professores, é um prazer muito grande para mim. Consulto com ex-aluno que é médico...que foram meus ex-alunos, agrônomos, enfermeiros, advogados... me dão abraços e dizem: “Professora, eu lembro de você como a melhor professora de Geografia” e isso só engrandece a gente, no sentido de dar força para a gente ter o desejo de viver mais e contribuir mais com a comunidade que a gente vive (MARINHO, 2019).

127

Outro elemento construtor de identidades é a relação com o território. Chelotti (2010, p.166) explica que o território pode ser “entendido como aquele espaço que é apropriado e utilizado pelo homem”. Nessa perspectiva, quando Isete Ribeiro afirma que nasceu em Santa Fé em 1950, onde permaneceu até quase seus 15 anos, ela estabelece uma relação de pertencimento a uma região e evidencia que parte das suas experiências e sua maneira de perceber o mundo está ligada àquela localidade. Em determinada passagem ela fala que

Foi nesse lugar, onde vivi meus medos, meus sustos, minhas “carreiras” com medo de bichos. A minha tarefa, porque eu era pequena, me juntava com meu irmão Francisco e a gente se encarregava de olhar as roças de milho, para que os periquitos, os chicos-pretos não destruíssem as sementes que eram plantadas, que eram semeadas ou que já estavam produzindo e dentre esse trabalho nosso de menino, a gente sofreu muitos medos, medo de bicho, de macaco, de onça...Muitas vezes, a gente se assustava correndo com medo de tudo, chorava e foi assim que vivi esses momentos maravilhosos da minha infância (MARINHO, 2019).

Não restam dúvidas que tais vivências foram determinantes para constituição da sua identidade, assim como que elas foram se alterando com as passagens do tempo e as mudanças de território. Ao se referir ao Povoado Santa Fé, ela afirma que “*nesse espaço havia só muitas árvores, era um espaço fechado cheio de florestas, árvores frondosas*” (MARINHO, 2019). Nesse trecho, é importante observar como a percepção de mundo vai se transformando, na medida em que os indivíduos se deslocam para outras regiões.

Deste modo, é significativo verificar como as mudanças de ambiente interferem na visão de mundo das pessoas, pois na sua narrativa houve a marcação do advérbio “só”, esboçando que ali não existiam muitas coisas, sendo que, obviamente, havia conforme ela

mesma enumerou. Tal palavra deduz a exclusão dos muitos elementos existentes em uma floresta e que sua condição de pessoa que passou por um processo de urbanização, levou a alteração na percepção do espaço.

O processo de realocação que os geógrafos chamam de reterritorialização começou, para a entrevistada, em função da necessidade de buscar outros meios de formação. Para os jovens da região tal movimento que, inclusive ainda ocorre no tempo presente, é quase que inevitável, pois não há outra solução, devido ao fato do município não propiciar a formação acadêmica almejada. Tal situação que é corriqueira na trajetória de muitas pessoas nascidas nas pequenas cidades do interior do Brasil, foi descrita no relato em que diz

Eu saí do sertão da Santa Fé, onde eu nasci [...]. Lá em Grajaú, eu ingressei no 5º ano de admissão, no final do ano fui submetida a uma prova muito rígida, mas graças a Deus, consegui ingressar no Ginásio de quatro anos (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) (MARINHO, 2019).

Grande parte dos jovens que saem da sua terra natal para buscar formação acadêmica não retornam. Quando optam por regressar, passam a contribuir para o desenvolvimento e para reelaboração da identidade do município, através da sua atuação profissional. Segundo a professora, para melhorar seu desempenho, ela foi “*buscar conhecimento, em, Grajaú, São Luís e em outras localidades*” (MARINHO, 2019). À vista disso, como bem afirma Hall (2000 p. 108) “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

E foi na prática educativa, sem muitos recursos, que essa geração de professoras e professores reelaborou métodos e foi vivenciando um modelo de educação próprio do lugar. Nesse sentido, Freire (1996, p.13) aponta que “ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar”. Na experiência coletiva foi se elaborando as práticas educativas próprias na região, sem recursos, mas com o desejo de ensinar.

Sendo assim, pensada nessa perspectiva individual e coletiva “a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. (DUBAR, 1997. p.136). As identidades dos indivíduos são construídas a partir de diversos elementos que marcam as suas trajetórias individuais. Tais aspectos tem uma estreita ligação com o território, com o ofício escolhido e

com as relações estabelecidas com os indivíduos. Elas se constroem e se reconstróem constantemente em uma associação consigo e com os outros.

O processo de escolarização no sertão de Amarante do Maranhão: o saber construído a partir das vivências

A educação formal, pensada na perspectiva das sociedades modernas, é um importante elemento de transformação individual e coletiva. Através do processo de escolarização, os indivíduos traçam uma linha progressiva para suas vidas. Mais do que isso, esse transcurso possibilita a produção de novos significados para a relação com o outro e efetiva mudanças que tendem a beneficiar toda a coletividade. Desse modo, é inquestionável a sua relevância para os agrupamentos sociais modernos e para a produção das identidades.

Tendo como referencial o tempo presente (o ano de 2019), é possível perceber uma grande melhoria no acesso ao ensino, se comparada às décadas 60, 70, 80 e 90. Mesmo que, embora a universalização da educação ainda não seja uma realidade no Brasil, o ingresso do estudante nas escolas, nas décadas de 2000 e 2010 tem sido minimamente garantido, pelo menos para uma parcela da população.

Do mesmo modo, em virtude das políticas públicas que tem como intenção oferecer ensino para todos, tem-se percebido uma maior inserção de minorias no sistema educacional brasileiro. Tais ações, apesar das forças ameaçadoras, propiciam o acesso e, acima de tudo, a permanência de negros, mulheres e indivíduos com reduzido poder econômico nos estabelecimentos de ensino do norte e nordeste país.

No interior do Maranhão, na década de 60, época da infância de Isete Ribeiro, a dificuldade de acesso à livros, materiais didáticos e à escola formal levou a busca de alternativas para aprendizagem. Ela conta que foi no Povoado Santa Fé, zona rural de Amarante do Maranhão que *“aprendi minhas primeiras letras e também aprendi a utilizar das sementes como por exemplo pitomba, jatobá, tututubá, e tantas outras... e foi assim que a gente aprendeu a contar, a diminuir, a multiplicar e dividir”* (MARINHO, 2019). Era na própria relação com o ambiente que se dava a construção do conhecimento e a leitura do mundo.

No seu processo de aprendizagem foram utilizados os recursos disponíveis na natureza, tendo sua mãe, mesmo sem formação, como uma espécie de primeira professora. Segundo ela, nesses ambientes de aprendizagem havia trocas de conhecimentos entre os

envolvidos, o que leva a perceber que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.12). Ao passo que aprendia com seus pares, usando os recursos da natureza, também ensinava, em um constante processo de troca de aprendizagens. Em outra passagem, Marinho (2019) ressalta que

Juntávamos aquele tanto de coisas, fazíamos do jatobá bezerros, bois, vacas e ali a gente ia contando, foi muito proveitoso, aproveitar os produtos da natureza para aprender, sem saber que estávamos usando um rico material didático. Então, a gente usava do próprio chão para escrever letras, para fazer adição, subtração e multiplicação e era difícil porque o material, quando meu pai comprava, tinha que ser economizado e para a gente manter aquele aprendizado, a gente tinha que se valer do que tinha. A gente estudava o nome das árvores, das frutas, como por exemplo banana, laranja, caju, tuturubá, jatobá, jacarandá. Eram essas as sementes maiores que a gente utilizava, tanto para contagem, como para aprender a escrever o nome daqueles vegetais, dos animais que estavam sempre ao nosso redor. Foi um grande incentivo para nós observar a natureza e tirar dela os ensinamentos e pôr em prática com a leitura e a escrita.

130

A família teve uma importância imprescindível nesse contexto. Segundo ela “meus pais, apesar de só alfabetizados, nos incentivavam muito. Como eu era a mais nova, a caçula, meu pai sempre dizia que ia fazer de mim uma doutora e eu fazia de tudo para manter a obediência, o interesse, a ordem e o incentivo que meu pai e minha mãe davam para a gente” (MARINHO, 2019). A família desempenha um papel importante no sentido de incentivar e criar meios de acesso ao conhecimento, independente da falta de recursos financeiros.

Em outro trecho das narrativas, também é evidenciada a relevância dessa instituição social, ainda mais em uma época em que não havia recursos disponíveis para a aprendizagem. De acordo com ela “as dificuldades eram muitas, o material como, por exemplo, cadernos, a pena – nesse tempo não era caneta, era pena – o lápis, meu pai ia comprar na cidade de Grajaú que era muito distante e ele ia a cavalo” (MARINHO, 2019). Enfrentava-se vários dias de viagem, no lombo do cavalo para adquirir o material que por serem poucos eram valorizados pelos estudantes.

Quando se pensa na educação em Amarante do Maranhão, um fato ainda comum no tempo presente, é a necessidade de mudança para outras cidades em busca de formação acadêmica, o que obriga os estudantes a se descolarem para outras cidades, como Imperatriz, que fica distante 110 km da sede do município ou a outros centros urbanos. Na década de 60 e 70, Grajaú era o principal destino dos estudantes. Diante da carência de escolas no povoado Santa Fé, onde vivia, foi relatado por ela

Aos 15 anos de idade, eu saí do sertão da Santa Fé, onde eu nasci e fui para Grajaú, a convite dos meus professores particulares. Foram muitas as dificuldades, eu saía com meu irmão Adolfo que muito contribuiu para chegar onde cheguei. A gente ia conduzindo dois animais: um com a carga, com meus mantimentos e o outro para montaria e a gente fazia o revezamento. Enfrentava chuva, lama, o famoso rio Santana cheio, atravessando de canoinha rudimentar, mas conseguimos (MARINHO, 2019).

Nos anos seguintes, naquela cidade, ela passou fazer cursos de formação pedagógica. Em seus relatos ela fala: *“venci e logo ingressei no curso Normal Pedagógico Imaculada Conceição, no mesmo colégio. Foram três anos e consegui muita aprendizagem naquela escola que era muito organizada”* (MARINHO, 2019). Esses cursos que eram subsequentes ao curso ginasial estavam destinados à formação de professores e eram requisito necessário para atuação no antigo 1º grau.

“Em Grajaú eu terminei meus estudos em 1972. Em 1973, a convite de Ederson Sales, que era prefeito de Amarante e disse que eu tinha que servir era a minha cidade, meu município. Eu vim prestar serviço aqui, na minha cidade e até hoje estou aqui” (MARINHO, 2019). Após o seu processo de formação, ela retornou a seu município de origem, passando a residir na sede daquela unidade territorial.

Ao se referir à fala do prefeito, é possível notar uma relação indenitária com o local. Nesse sentido perceber que *“as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas”* (HALL, 2000, p. 109). Ao apontar que era a cidade natal que ela deveria trabalhar, estabeleceu-se, pela linguagem uma relação com o seu lugar.

E foi nesse processo longo, difícil e demorado que Isete Ribeiro passou a condição de criança moradora do interior a professora. Uma trajetória marcada pelo enfrentamento de dificuldades econômicas, raciais e de gênero, que vencidas demonstram a força das mulheres da região amazônica brasileira. Esse percurso é semelhante ao muitas crianças e jovens das áreas mais distantes do Brasil, ainda no tempo presente.

A prática educativa no interior do Maranhão, entre as décadas de 60 e 90: desafios e conquistas

Estudar nas pequenas localidades do interior Maranhão, entre as décadas de 60 e 90 não era uma tarefa fácil, ser professora/professor também não era. O acesso a cursos de

formação ainda era precário, os materiais didáticos e até mesmo os livros do professor e do estudante não eram universalizados, não havia rede de internet para pesquisas, entre outros entraves. O fazer educativo se dava a partir dos recursos disponíveis e da experiência dos próprios professores.

Eram muitos os desafios enfrentados pelos educadores que iam conseguindo encontrar meios para realização de um trabalho de qualidade. A partir do relato da professora Rosirene Cavalcante, também de Amarante do Maranhão, que concedeu entrevista para o vídeo documentário, o trabalho de Isete Ribeiro *“foi um trabalho de dedicação, de vontade mesmo para mudar a educação desse município, desse estado e sem falar do nosso país”* (CAVALCANTE, 2019). A observação denota um trabalho de construção, de criação de meios para mudar a realidade local.

Desse modo, Isete Ribeiro veio se tornando professora, assim como afirma Freire (1996, p. 29) assumindo suas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigada por seus desafios que não lhe permitiu burocratizar-se, assumindo suas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procurou esconder em nome mesmo do respeito que tinha pelos educandos. A partir dessas ações, o fazer educativo na região foi ganhando contornos próprios, através dessas experiências individuais e coletivas.

Ainda nesse contexto, outro elemento a ser verificado é a questão de gênero. Se, no tempo presente, essa é uma discussão complexa no Brasil, nas décadas anteriores tinha outra dimensão. No entanto, já nos anos 70, Isete Ribeiro rompeu alguns paradigmas e se estabeleceu como a chefe da educação no município. Sobre esse aspecto, ela fala nos relatos que foi nomeada a primeira secretária de educação de Amarante do Maranhão e que passou a organizar a educação no município.

Cabe ressaltar que o processo de estruturação da educação no município ocorreu sem orientação ou formação, tudo feito a partir das experiências que foram sendo acumuladas. Após esse primeiro período, ela ocupou o mesmo cargo por mais duas vezes e uma vez como Secretária Adjunta. Quando não estava nessa função, atuou como professora no Centro de Ensino Pe. João Batista Teixeira (conhecido popularmente como Bandeirante), na Escola Municipal de 2º grau Sousândrade, na Escola Municipal Castelo Branco e outras escolas.

Em sua atuação como professora, Isete Ribeiro relatou que *“às vezes a gente dava tudo copiado para o aluno, onde ele ia estudar, fazer pesquisas e a gente explicava, muitas*

vezes, a gente comprava cartolina para fazer cartazes”, o que revela as dificuldades e os meios eficazes encontrados pelos profissionais da educação em sua época. Segundo ela, “outras vezes a gente pedia ajuda aos alunos e muitas vezes os pais não entendiam e falavam que a gente queria o dinheiro para a gente” (MARINHO, 2019). Interessante perceber como, muitas vezes, eles e elas eram incompreendidos pela própria família e pelos estudantes, sendo esses os maiores beneficiários do processo de aprendizagem. Em outra narrativa ela diz:

Eu fico olhando aqui, fico emocionada de voltar aqui e ver a escola toda reformada. Na minha época eram carteiras de madeira, duplas e a mesa bem rudimentar e a gente não tinha disponível nenhum material, então a gente tinha que fazer cartazes, muitas vezes pedia a contribuição dos alunos para poder dar uma aula mais atraente e também, sem pensar que os salários atrasavam. À noite, a iluminação era feita através de motores, muitas vezes davam problemas e a gente nunca chegava a cumprir os conteúdos que tínhamos que desenvolver durante o ano. A parte do ginásio “Bandeirante”, o salário era pago uma parte pelo município, outra pelo estado. O estado demorava, às vezes até seis meses para efetuar o nosso pagamento, confirmando assim que o professor nunca pensa que só no salário, muitas vezes ele trabalha também por amor à profissão (MARINHO, 2019).

Uma particularidade da sua prática pedagógica é a criticidade. As discussões em sala eram estabelecidas a partir das inquietações dos alunos. Nos relatos, a professora afirma que “eram muitas as dificuldades, mas um saldo positivo existia. Os alunos eram interessados e tinham aquele desejo de aprender” (MARINHO, 2019). Nesse sentido, Freire (1996, p.15) fala que “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. O professor da época se sentia desafiado e diante disso buscava suprir com os estudos as suas limitações.

Na mesma temática a professora continua afirmando que “eles acompanhavam cada palavra, cada ensino, para ver se a gente realmente estava por dentro do conteúdo ou não” (MARINHO, 2019). Sobre esses desafios diários na prática pedagógica, Freire (1996, p.21) afirma que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Para o autor, quando o professor ou a professora entra em uma sala de aula deve estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições.

Outra das suas especificidades era o humanismo revelado em suas ações. “Sempre gostei de dialogar com meus alunos” (MARINHO, 2019), nesse sentido, ela pensava na formação em vários aspectos. É importante observar a “necessidade da formação integral,

aquela capaz de desenvolver, além de competências e habilidades técnicas, também atitudes e, com isso, ser capaz de despertar nos estudantes um olhar mais crítico sobre os fenômenos que cercam seu contexto” (COSTA; PINHEIRO, 2013, p. 37). Nesse aspecto é pensada a “impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 37). Para a professora, a sala de aula era também um espaço de diálogo, de construção de valores. Ela segue falando sobre a relação que estabelecia com os alunos.

Eles confiavam e me confidenciavam e assim, como professora de Educação Moral e Cívica e OSPB, na época, eu procurava aquele momento de desabafo para trabalhar a questão do aluno e muitos se recuperaram e a gente só tem a agradecer a Deus por isso, porque a gente desenvolveu um trabalho educacional (MARINHO, 2019).

No contexto da Ditadura Militar brasileira, a disciplina Educação Moral e Cívica, trabalhava “com conteúdos voltados para a exaltação da Pátria e de seus heróis, bem como para a difusão dos ideais cívicos cultuados pelos militares” (LOURENÇO, 2010, p.100). Esse componente curricular, juntamente com OSBP (Organização Social e Política Brasileira) foram pensados para ser instrumentos de exaltação do regime e pacificação social.

Por outro lado, a partir da narrativa, pode-se perceber que a professora ia além dos conteúdos propostos para as disciplinas, nesse espaço ela trabalhava as questões pessoais dos estudantes, visando uma formação integral. Ela aproveitava os seus momentos de diálogo para trabalhar múltiplos aspectos. Segundo Marinho (2019), “*alguns se recuperaram*” (não foi possível saber de que, até por questões éticas tais questionamentos não foram feitos).

Na época, mesmo com a predominância da educação tecnicista, que surgiu para suprir o processo de industrialização, a professora, inspirada na pedagogia de Paulo Freire, promovia uma educação libertadora. Sendo assim, viabilizava a produção de debates, em que a argumentação dos alunos era respeitada, práticas essas que representaram um modelo de educação ousado para a época, pois desafiava as estruturas ao promover a criticidade.

Para Isete Ribeiro “*ser uma das fundadoras da educação em Amarante é muito gratificante, a gente sair da terra da gente, buscar conhecimentos lá fora e voltar para servir à comunidade da gente foi muito importante*” (MARINHO, 2019). A história desta e de outras mulheres reflete muita luta, resistência e coragem. Estabelecer diretrizes onde não havia recursos é um aspecto marcante dessas pessoas. Sem elas, a situação do município seria outra no tempo presente.

Ao ser perguntada sobre a educação na atualidade, a educadora já aposentada, mostra o pesar diante da persistente situação de desvalorização do professor. Entre os seus desejos, ela espera que esses profissionais sejam mais valorizados e para sua cidade, Amarante do Maranhão, deseja que ela cresça em cultura e conhecimento.

Essa e outras professoras e professores fizeram história no município de Amarante do Maranhão, em uma época em que os recursos eram poucos. É inquestionável o legado que esses profissionais carinhosamente chamados de “Pérolas” deixaram para o presente e para as gerações futuras. Sem esses desbravadores, certamente o município não seria o mesmo.

Considerações finais

Este artigo e o vídeo documentário “Isete Ribeiro: mãe, mulher, professora” têm como objetivo principal refletir sobre aspectos do município de Amarante do Maranhão. A partir da narrativa da professora entrevistada foi estabelecido um panorama geral tanto da sua vida pessoal, a partir dos marcadores formação escolar, atuação como professora, relação com os territórios, questões étnico-raciais e de gênero e algumas particularidades da história da educação no município.

Nos dois trabalhos foi feito apenas um recorte da realidade, não houve a pretensão de esgotar o debate sobre a educação, nem mesmo de falar de todos os fatos da vida da professora. Foram priorizados apenas alguns tópicos com enfoque para a construção da identidade. Importante ressaltar que após assistir ao vídeo, a professora afirmou que não se percebia como uma mulher forte e determinada e que, até então, nem observava sua importância como profissional para toda a região.

Através do exercício da fala ela passou a desenvolver o que Ricoeur (2000, p.01) chama de identidade narrativa. O autor questiona que “não se tornam as vidas humanas mais legíveis quando são interpretadas em função das histórias que as pessoas contam a seu respeito?”. Foi através da produção do registro audiovisual que a personagem principal do documentário passou a perceber-se e a consolidar sua própria identidade, criando uma linha progressiva para sua vida.

Em sua obra, Ricoeur (2000) discute até que ponto as narrativas reais adquirem aspectos de ficção, não por se apresentarem como histórias inventadas, mas por estabelecerem uma homogeneidade às memórias. Também chama a atenção para o modo como as narrativas

autobiográficas são construídas. Para ele, ao falar de si, os indivíduos aplicam modelos narrativos, como aqueles das histórias de ficção. Tal processo, intrínseco aos narradores, ocorre para tornar mais inteligível a exposição dos fatos. Nos documentários isso ganha outro contorno, pois a narrativa passa também pela leitura do diretor.

Estabelecer uma relação dos relatos biográficos com outros aspectos de uma sociedade é um interessante exercício para escrita da História. No tempo presente, em que há um deliberado processo de esquecimento, isso se torna ainda mais necessário. Entender sobre sua própria história é de fundamental importância para as gerações atuais e para as posteriores, no sentido de se estabelecer uma relação com o passado e pensar em novas contingências. Este artigo e o vídeo documentário fizeram esse percurso de exercitar a escrita histórica, a partir dos relatos de mulheres e homens de Amarante do Maranhão.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Rosirene. **Isete Ribeiro: mulher, mãe, professora** (Documentário amador). Entrevista concedida a João Cândido Carvalho Marinho. Imperatriz: Arquivo digital, 2019.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e identidade territorial. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, p. 165-180, abr. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v22n1/12.pdf>>. Acesso em mar/2009.

COSTA, J. de M.; PINHEIRO, N. A. M. O ensino por meio de temas-geradores: a educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 37-44, 2013. Disponível em <<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v3i2.20265>> Acesso em mar/2009.

DUBAR, Claude. **A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, [1996] 2000.

LOURENCO, Elaine. O ensino de História encontra seu passado: memórias da atuação docente durante a ditadura civil-militar. **Rev. Bras. Hist.**[online]. 2010, vol.30, n.60, pp.97-120. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

MARINHO, Isete Ribeiro de Carvalho. **Isete Ribeiro: mulher, mãe, professora** (Documentário amador). Entrevista concedida a João Cândido Carvalho Marinho. Imperatriz: Arquivo digital, 2019.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In.: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009 p. 116-149. Disponível em
<<https://drive.google.com/file/d/0B51Tx5Hyx9ZmbkdJMXlRSI9NN-DQ/edit>>

RICOEUR, Paul. **A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal**. Trad. Carlos João Correia. Arquipélago, n. 7, p. 177-194, 2000.

SAMARA, Eni de Mesquita. A mulher e a família na historiografia latino-americana **recente**. **Anos 90** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 1, n. 1, 1993. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6116>>.